

Pré-socráticos 1

Pré-socráticos

Assim são conhecidos aqueles primeiros gregos que compuseram a mutação mental, componente fundamental da nova paisagem grega do início do século VI a.C.

São chamados de pré-socráticos (ou pré-platônicos), não só porque são cronologicamente anteriores a Sócrates, mas porque colocam problemas que não se enquadram no recorte, de extrema importância para o pensamento ocidental, que a filosofia, justamente sob a batuta de Sócrates, realizará em Atenas no século seguinte.

O estudo dos pré-socráticos é dificultado pela carência de documentos. Poucos são os textos deles que chegaram até nós, em alguns casos os conhecemos somente por meio da doxografia (ver vocabulário). Mesmo com essa dificuldade nos arriscamos a interpretar e a compor com as ideias desses homens que se espalham desde a região da Ásia menor até a península itálica.

Um elemento que facilita nossa aproximação é o fato de que, apesar de reunidos sob uma mesma definição, existem diferentes preocupações, diversas geografias que se desenham no horizonte desses filósofos que permitem uma divisão em escolas. Além disso, por estarem “apaixonados por essa linda jovem (a filosofia) eles não permaneceram isolados uns dos outros: existiam entre eles influências, relações de aprendizagem – sem contar as ligações que seus desacordos criavam. Enfim, uma tradição foi assim progressivamente estabelecida” (Barnes, 3)

As Escolas

Jônica – busca dos princípios materiais: “Os que por primeiro filosofaram, em sua maioria, pensaram que os princípios de todas as coisas fossem exclusivamente materiais. De fato, eles afirmam que aquilo de que todos os seres são constituídos e aquilo de que originariamente derivam e aquilo em que por último se dissolvem é elemento e princípio dos seres, na medida em que é uma realidade que permanece idêntica mesmo na mudança de suas afecções” (Aristóteles, *Metafísica* A3)

Representantes principais

Tales de Mileto (639-546 a.C) (adaptação do texto de Barnes)

Da vida de Tales não conhecemos quase nada. Sua cronologia foi fixada em função de um eclipse solar que ocorreu em maio 585 a.C e que Tales presenciou (ou que ele, segundo alguns textos, teria previsto). Geograficamente o localizamos na Jônia pois, segundo o historiador Heródoto, ele teria dado conselhos políticos aos jônios e conselhos técnicos ao rei da Lídia.

O pensamento de Tales ficou encoberto por muito tempo. Não escreveu nada ou nada sobrou de seus escritos e uma tradição oral é sempre duvidosa, sobretudo quando se trata de filosofia. Para falar de Tales, até mesmo Aristóteles só pode fazê-lo de modo aproximativo. Podemos, com esses poucos dados, atribuir a Tales apenas três teses:

tese 1: o imã tem uma alma

Parece que também Tales se conta entre aqueles que, segundo se diz, supuseram a alma como algo móvel (a alma é uma força motriz), assim sustentava que a pedra magnética possui uma alma porque move o ferro (Aristóteles *De anima* I, 2).

Argumentação:

Pela observação cotidiana notamos que o imã pode ser uma força motriz (move o ferro), somente os seres dotados de alma são capazes de mover, logo o imã, apesar de sua natureza de pedra, deve ser animado, possuir uma alma.

Tese 2: a Terra flutua sobre a água

Outros dizem que a Terra flutua (repousa) sobre a água. Esta é a mais antiga doutrina por nós conhecida e teria sido defendida por Tales de Mileto. A Terra se sustenta por flutuação do mesmo modo que um pedaço de madeira ou de qualquer outro material análogo (que não repousa naturalmente sobre o ar, mas sim sobre a água) (Aristóteles, *De coelo*, 294a 12-20)

Argumentação:

Como a Terra, que é um corpo tão pesado, está em repouso? Analogia com os dados da observação

Tese 3: tudo é água

Deve haver alguma realidade natural (uma só ou mais de uma) da qual derivam todas as outras coisas, enquanto ela continua a existir sem mudança.

Todavia, esses filósofos não são unânimes quanto ao número e à espécie desse princípio. Tales, iniciador desse tipo de filosofia, diz que o princípio é a água (por isso afirma também que a Terra flutua sobre a água), certamente tirando esta convicção da constatação de que o alimento de todas as coisas é úmido, e da constatação de que até o calor se gera do úmido e vive do úmido. Ora, aquilo de que todas as coisas se geram é o princípio de tudo. Ele tirou, pois, esta convicção desse fato e também do fato de que as sementes de todas as coisas têm uma natureza úmida, sendo a água o princípio da natureza das coisas úmidas (Aristóteles *Metafísica* A, 983b 17-27)

Entre os que afirmam um único princípio móvel – por Aristóteles chamados propriamente de físicos –, uns consideram-no LIMITADO, assim Tales de Mileto (...). Dizem que a água é o princípio. As aparências sensíveis os conduziram a esta conclusão; porque aquilo que é quente necessita de umidade para viver, e o que é morto seca, e todos as sementes

são úmidas, e todo alimento é cheio de suco; ora, é natural que cada coisa se nutra daquilo que provém; a água é o princípio da natureza úmida que mantém todas as coisas; e assim concluíram que a água é o princípio de tudo e declararam que a Terra repousa sobre a água (Simplicius *Physica* 23, 21)

Argumentação:

Tales concebeu a possibilidade de buscar os *princípios* do mundo fenomenal; julgou que esses princípios deviam ser *internos* ao mundo; e procurou obter a maior economia (só há um princípio) e, enfim – como a relação entre a terceira e a segunda tese nos mostra – tentou tornar seu princípio sistemático (os elementos do conjunto dependem reciprocamente um do outro) (Barnes, 12)

Comentário:

A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de *todas* as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e sem fabulação; e, enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora em estado de crisálida, está contido o pensamento : “Tudo é Um”. A razão citada em primeiro lugar, deixa Tales em comunidade com os religiosos e supersticiosos, a segunda o retira dessa comunidade e no-lo mostra como investigador da natureza, mas, em virtude da terceira, Tales se torna o primeiro filósofo grego”. Se tivesse dito: 'da água provém a terra' teríamos apenas uma hipótese científica (...). mas ele foi além do científico. Ao expor essa representação de unidade através da hipótese da água, Tales não superou o estágio inferior das noções físicas da época, mas, saltou por sobre ele. As parcas e desordenadas observações da natureza empírica que Tales havia feito sobre a presença e as transformações da água, ou mais precisamente, do úmido, seriam o que menos permitiria ou mesmo aconselharia tão monstruosa generalização o que o impeliu a esta foi um postulado metafísico (...) a proposição: 'tudo é um' (Nietzsche, *A filosofia na época trágica dos gregos*)

Anaximandro de Mileto

610 a 547 a.C (datas aproximadas)

Com Anaximandro, concidadão de Tales e, segundo uma antiga tradição, seu aluno, as nuvens começam a se dissipar. Anaximandro escreveu (dizem que escreveu um texto, *Sobre a natureza*, tido pelos gregos como a primeira obra filosófica em seu idioma) e mesmo que só tenhamos hoje uma muito pequena parte de sua obra, autores tardios o leram e nos dão preciosas informações a seu respeito. É evidente que Anaximandro se esforçou em tratar toda a gama da física, que ele buscou este objeto de paixão desde as questões mais abstratas e as mais gerais até problemas concretos dos conhecimentos particulares.

Veremos dois exemplos destas especulações e, em seguida, leremos o fragmento que sobrou de sua obra em que ele trata do fundamento do universo. (adaptação de Barnes, 12)

Origem dos animais

Anaximandro dizia que os primeiros animais nasceram no úmido, envolvidos por uma escama espinhosa, com o passar do tempo eles avançavam para um ambiente mais seco e, quando a escama se quebrava mudavam de forma de vida. (Aetius, *Opiniões dos filósofos* V, 19, 4)

O homem foi, no começo, engendrado por animais de espécie diferente, devido ao fato que os outros animais logo se alimentam por seus próprios meios enquanto que o homem é o único a precisar de um aleitamento prolongado – por este motivo se o homem fosse desde o início tal como ele é agora ele não teria sobrevivido. (Plutarco, *Stromatos*, 2)

Argumentação:

De onde vieram, originalmente, os animais? Anaximandro supôs que as espécies não são eternas, que elas nem sempre existiram e que houve um tempo em que não vivia nenhum animal. Talvez sob a influência das ideias de Tales no que diz respeito à importância da água, Anaximandro postulou que foi em ambientes úmidos que surgiram os primeiros animais. Com esta suposição, a forma desses animais não podia ser igual àquela que eles apresentam hoje: o cavalo, tal como o conhecemos, não pode nascer na água. Os primeiros cavalos deviam, portanto, ter uma forma diferente e adaptada ao ambiente líquido, daí as escamas. Quanto ao homem, uma consideração suplementar se impõe, pois o homem é o único ser vivo que requer alguém que o alimente durante toda a sua infância: os primeiros homens tiveram que ser engendrados a partir de animais de outras espécies. Nossos ancestrais eram, talvez, peixes.

Anaximandro (...) quis estabelecer sua teoria por meio de fatos observados e argumentos palusíveis. (Barnes, 13)

Astronomia

Mas há alguns que sustentam que a Terra permanece em seu lugar por indiferença, tal é, notadamente, entre os antigos, a tese de Anaximandro. Segundo estes filósofos, o movimento para cima, para baixo, ou para os lados não convém mais do que outro ao que está estabelecido no centro e cuja indiferença é a mesma a respeito de cada ponto extremo; como é impossível efetuar um movimento em direções contrárias ao mesmo tempo, daí resulta que a Terra deve necessariamente permanecer onde ela está. (Aristóteles, *Tratado sobre o céu*, 295b 11-16)

Argumentação:

O surgimento do universo se dá pela separação inicial do quente e do frio, depois formam-se a terra, a água, o ar e o fogo. Então se forma um anel que delimita nosso mundo no infinito. O Todo se assemelha a uma roda com seu centro,

raios e aro. (Rivaud, 41)

A Terra repousa no centro do universo. Em torno dela se encontram tubos circulares perfurados e cheios de fogo. O fogo que está no interior destes tubos se faz ver através das perfurações e os astros, a lua, o sol são, na verdade, apenas aberturas nestes tubos celestes.

O caráter mais importante de um tal sistema é sua simetria: além dos fenômenos celestes que parecem ser irregulares, se esconde uma regularidade precisa. Além disso, a simetria permite resolver o problema da imobilidade da Terra, problema que Tales já havia confrontado, (Barnes, 14)

O princípio apeiron

Entre os que defendem um princípio único, móvel e ilimitado, Anaximandro, filho de Praxiades, de Mileto, sucessor e discípulo de Tales, disse que o ilimitado (*apeiron*) é o princípio e elemento das coisas que existem (tendo sido o primeiro a utilizar o termo princípio). Afirma que não é a água nem algum dos chamados elementos, mas alguma natureza diferente, ilimitada, da qual são engendrados todos os céus e todos os mundos neles contidos. Aquilo de que procede a geração para as coisas que existem é também aquilo para onde elas retornam sob o efeito da corrupção. Pois elas se rendem mutuamente justiça e reparam suas injustiças segundo a ordem do tempo, diz ele em termos um tanto poéticos. É evidente que, após ter observado a transformação mútua dos quatro elementos ele não podia estimar que pudéssemos assinalar a um deles o papel de substrato, mas que era necessário que houvesse algo diferente, além desses quatro elementos. Não pensa que a geração se produz por alteração elementar, mas por dissociação de contrários sob o efeito do movimento eterno. (Simplicius, *Comentário sobre a física de Aristóteles*, 24, 13-25)

Pois tudo ou é princípio ou procede de um princípio, mas do ilimitado não há princípio: se houvesse seria seu limite. E ainda: sendo princípio, deve também ser não-engendrado e indestrutível, porque o que foi gerado necessariamente tem fim e há um término para toda destruição. Por isso, assim dizemos: não tem princípio, mas parece ser princípio das demais coisas e a todas envolver e a todas governar, como afirmam os que não postulam outras causas além do ilimitado (...). E é isso que é o divino pois é “imortal e imperecível”, como dizem Anaximandro e a maior parte dos físicos. (Aristóteles, *Física*, III, 4 203b 6)

Argumentação:

Nestas passagens encontramos palavras do próprio Anaximandro, a que fala da justiça e da injustiça que as coisas pagam umas às outras segundo a ordem do tempo (ou em outra tradução: as coisas se anulam “segundo a necessidade; pois elas se infligem mutuamente pena e castigo por causa de sua injustiça segundo uma repartição determinada pelo tempo”) e a referência de Aristóteles ao princípio imortal e imperecível (além dessas é de Anaximandro a proposição citada por Hipólito: a natureza do ilimitado é sem idade e sem velhice). Muita tinta correu na história da filosofia sobre o que seriam as penas e castigos, o que seria a ordem do tempo, sobre o que eram as coisas que acertariam suas contas segundo essa ordem. Como essas discussões ultrapassam nosso alcance tomemos somente a leitura de Barnes que vem nos guiando até aqui.

As coisas que engendram os objetos naturais e que os anulam são, portanto, elementos num sentido muito impreciso, são espécies de matéria – são “coisas” como a terra e a madeira, o ar e a água, o úmido e o seco, o quente e o frio. Quando a árvore cresce, há uma injustiça da madeira contra a terra: a madeira rouba sua substância da terra. A árvore, quando apodrecida, compensa a terra. Toda geração, toda anulação se passa de modo semelhante, em conformidade às regularidades determinadas pelo tempo.

Para Anaximandro, como para Tales, há apenas um princípio: é a regra de economia que o exige. Esse princípio não pode ser idêntico a nenhuma das matérias do mundo visível, pois estas matérias estão no mesmo patamar, se as comparamos uma a outra – a madeira é engendrada pela terra, a terra pela madeira, nenhuma das duas possui a primazia que deve caracterizar um verdadeiro princípio. É preciso, então, que o princípio seja algo à parte. Este princípio engendra o universo sob a influência de um movimento eterno. (Por que um movimento eterno? Porque esse movimento deve explicar o começo do universo. Ora, se o movimento não fosse eterno ele teria, de algum modo, começado – e seria preciso introduzir algo de diferente para explicar o começo). O movimento produz “todos os céus e todos os mundos que nele se encontram”, nunca para, nunca abandona seu trabalho produtivo. Ele tem necessidade do princípio como matéria de suas produções: neste caso o princípio deve ser ilimitado, infinito, uma fonte inesgotável. Do princípio surgem primeiramente, por razões obscuras e ao termo de um processo também obscuro, os céus e os “elementos” do mundo; depois são engendradas as coisas e os seres familiares de nosso mundo no qual o movimento eterno permanece indefinidamente eficaz, produzindo o resultado descrito na frase poética de Anaximandro – um ciclo regular de acontecimentos ordenado pelo tempo. (Barnes, 16)

Comentário:

(...) com Anaximandro (considera-se) todo vir-a-ser como uma emancipação do ser eterno, digna de castigo, como uma injustiça que deve ser expiada pelo sucumbir. Tudo o que alguma vez veio a ser, também perece outra vez, quer pensemos na vida humana, ou na água, ou no quente e no frio: por toda parte, onde podem ser percebidas propriedades determinadas, podemos profetizar o sucumbir dessas propriedades, de acordo com uma monstruosa prova experimental. Nunca, portanto, um ser que possui propriedades determinadas, e consiste nelas, pode ser origem e princípio das coisas; o que é verdadeiramente, concluiu Anaximandro, não pode possuir propriedades determinadas, senão teria nascido, como todas as outras coisas, e teria de ir ao fundo. Para que o vir-a-ser não cesse, o ser originário tem que ser indeterminado. A imortalidade e eternidade do ser originário não está em sua infinitude e inexauribilidade –

como comumente admitem os comentadores de Anaximandro –, mas em ser destituído de qualidades determinadas que o levem a sucumbir: e é por isso também, que ele traz o nome de *apeiron*. O ser originário assim denominado está acima do vir-a-ser e, justamente por isso, garante a eternidade e o curso ininterrupto do vir-a-ser.

(Anaximandro ultrapassa Tales em dois pontos). Pergunta pela primeira vez: “Mas, se há em geral uma unidade eterna, como é possível a pluralidade?” (...) Em seguida ocorre-lhe a pergunta: “Por que, então, tudo o que veio a ser já não foi ao fundo há muito tempo, uma vez que já transcorreu toda uma eternidade de tempo? De onde vem o fluxo sempre renovado do vir-a-ser?” (...) Quanto mais se procurava aproximação com o problema – como, em geral, pode nascer, por declínio, do indeterminado o determinado, do eterno o temporal, do justo a injustiça – maior se tornava a noite. (Nietzsche, *A filosofia na época trágica dos gregos*, §4)

(...) Anaximandro não introduziu apenas em seu vocabulário um termo da importância de *arkhé*; preferindo escrever em prosa, completa a ruptura com o estilo poético das teogonias e inaugura o novo gênero (...) É nele, finalmente, que se encontra expresso, com o maior rigor, o novo esquema cosmológico que marcará de maneira profunda e durável a concepção grega do universo.

(...) por seu caráter profano, livre de toda religião astral, a astronomia grega coloca-se, desde o primeiro momento, num plano diferente do da ciência babilônica em que se inspira. Os jônios situam no espaço a ordem do cosmos; representam a organização do universo, as posições, as distâncias, as dimensões e os movimentos dos astros segundo esquemas geométricos, (...) constroem modelos mecânicos do universo, como aquela esfera que Anaximandro, segundo alguns, teria fabricado. Fazendo “ver” o mundo, fazem dele, no sentido pleno do termo, uma *theoria*, um espetáculo.

(...) Anaximandro situa o cosmos num espaço matematizado constituído por relações puramente geométricas. Assim se encontra apagada a imagem mítica de um mundo em planos em que o alto e o baixo, em sua posição absoluta, marcam níveis cósmicos que diferenciam Potências divinas e em que as direções do espaço têm significações religiosas opostas.

(...) a Terra não tem mais necessidade de suporte, de raízes; não tem de flutuar. Como em Tales, sobre um elemento líquido do qual teria surgido, nem de repusar sobre um turbilhão ou, como em Anaxímenes, sobre uma almofada de ar.

(...) basta saber que todos os raios de um círculo são iguais.

(...) Para Anaximandro, nenhum elemento singular, nenhuma porção do mundo poderia dominar as demais. São a igualdade e a simetria dos diversos poderes constituintes do cosmos que caracterizam a nova ordem da natureza. A supremacia pertence exclusivamente a uma lei de equilíbrio e constante reciprocidade. À *monarchia* um regime de *isonomia* se substituiu, na natureza como na cidade.

(...) os elementos definem-se por sua oposição recíproca; é preciso, pois, que se encontrem sempre numa relação de igualdade uns com os outros, ou como Aristóteles o dirá em outra parte, em igualdade de poder.

(...) A ordem não é mais hierárquica; consiste na manutenção de um equilíbrio entre potências doravante iguais, sem que nenhuma delas deva obter sobre as outras um domínio definitivo que ocasionaria a ruína do cosmos. Se o *apeiron* possui a *arkhé* e governa todas as coisas, é precisamente porque seu reino exclui a possibilidade para um elemento de apoderar-se da *dynasteia*. A primazia do *apeiron* garante a permanência de uma ordem igualitária fundada na reciprocidade das relações e que, superior a todos os elementos, impõe-lhes uma lei comum. (Vernant, *Origens do pensamento grego*, VIII)

Anaxímenes de Mileto

Nasceu, provavelmente no ano 585 a.C., pois seu *florescimento* se dá em 546 a.C., segundo Apolodoro. Sua morte ocorre durante a 63ª olimpíada que ocorreu por volta de 528 a.C. É o terceiro dos “físicos”. Filho de Eurítrato, foi companheiro ou discípulo de Anaximandro e, muitas vezes, aparece como um pálido reflexo deste. Escreveu um texto em prosa, intitulado tardiamente de *Sobre a natureza*, texto esse comentado por Teofrasto e que segundo Diógenes Laércio em sua *Vida dos filósofos ilustres*, foi escrito “num estilo jônico simples e despojado”, dispensando os termos “poéticos” de Anaximandro. Dizem que foi o primeiro a afirmar que a lua recebe sua luz do sol.

O princípio é o ar

O ar toma um aspecto diferente, conforme seja condensado ou rarefeito, pois quando atinge um certo grau de rarefação ele se torna fogo; ao contrário, os ventos são ar condensado e a nuvem é formada, por condensação, a partir do ar; sob o efeito de uma condensação ainda maior torna-se água, mais condensado ainda torna-se terra e no nível máximo de condensação, pedra. A geração é principalmente produzida pelos contrários que são o quente e o frio. (Hipólito, *Refutação de todas as heresias* I, VII, 3)

Anaxímenes, companheiro de Anaximandro, afirma, como este, uma única matéria ilimitada como substrato; não indeterminada como Anaximandro, mas determinada, chamando-a de ar que se diferencia pela condensação ou rarefação. (Simplicio, *Tratado sobre a física de Aristóteles*, 24, 26)

Do ar dizia que nascem todas as coisas existentes, as que foram e as que serão, os deuses e as coisas divinas (Hipólito, *Refutação* I, 7)

Quando o ar está igualmente distribuído é invisível: manifesta sua existência através do frio e do calor, da umidade e do movimento. E está sempre em movimento. Pois o que muda, não poderia mudar se não fosse movido (Hipólito, *Refutação* I, 7, 2)

A Terra repousa sobre o ar

Como nossa alma que é ar nos governa e sustém, assim também o sopro e o ar abraçam todo o cosmo. (Aécio I, 3, 4)

obs: este trecho é atribuído ao próprio Anaxímenes e seria, portanto, o único fragmento conhecido, por nós, do seu

texto.

Argumentação:

Para Anaxímenes, o princípio das coisas é o ar ilimitado e vivo que toma o lugar do *apeiron* de Anaximandro e no qual se formam universos em número infinito.

Mas Anaxímenes introduz uma ideia nova retirada da experiência, a de condensação e de rarefação. O ar se contrai ou se dilata. Rarefeito ou dilatado, ele se torna fogo, condensado ele é, sucessivamente, segundo uma ordem invariável, vento, nuvem, chuva, água, gelo, terra, pedra.

(...) O ar é causa, em todo o universo, da vida e do pensamento. Tudo respira, inclusive os peixes que absorvem o ar contido na água, inclusive cada universo, que respira na imensidade do espaço aéreo no qual está envolvido... (Rivaud, 43-44)

Mantendo a ideia central de que a *physis* é ilimitada, incorruptível e imortal, Anaxímenes exige que ela seja determinada ou qualificada, pois o pensamento só pode pensar o que possui determinações. O ar enquanto *physis*, não é o frio e o ar que vemos, mas o princípio do qual o ar de nossa vida e de nossa experiência provém. Torna-se visível para nós por meio do frio, do quente, do úmido, do seco, mas quando perfeitamente homogêneo e idêntico a si mesmo, torna-se invisível e só pode ser apreendido pelo pensamento.

Por que a escolha do ar? Possivelmente porque:

- 1) ao contrário da água, que precisa de um suporte ou de um continente, o ar sustenta-e a si mesmo; possui autonomia ou auto-suficiência;
- 2) sua presença e sua difusão são ilimitadas, podendo compor todas as coisas;
- 3) é o primeiro ato de um ser vivo e também o último, antes de morrer, sendo, por isso, princípio vital. O ar – alma nossa e do mundo – é que mantém unidas as partes de um todo – nosso corpo e o cosmos. O mundo é um ser vivo que respira e que recebe do sopro originário a unidade que o mantém. (Chauí, 54-55)

Eis uma tentativa destinada a precisar o processo de produção do cosmos e a tornar um pouco mais exatas as teorias de Anaximandro. De fato, apelar a um “movimento eterno” não explica nada – de que tipo de movimento se trata? De um movimento que altera o princípio de alguma maneira? Segundo Anaxímenes o movimento é um movimento que comprime ou que dilata, que modifica o princípio tornando-o mais espesso ou mais sutil. Mais uma vez, temos um caso de economia extrema, somente duas operações, ou talvez uma operação comportando dois aspectos. Mais uma vez, é uma teoria fundada sobre a experiência, pois não vemos a cada manhã, próximo ao rio, como a água se evapora e, rarefeita, se torna ar? (Barnes, 17-18)

Comentário:

Ele (Anaxímenes) achava, com certeza, que para a matéria era necessário um ser sensível e o ar possui, ao mesmo tempo, a vantagem de ser o mais liberto de forma. Ele é menos corpo que a água; não o vemos, apenas experimentamos seu movimento. Dele tudo emana e nele tudo se dissolve. (Hegel, *Preleções sobre a história da filosofia*)

Outros dois filósofos são normalmente incluídos na escola jônica, Xenófanes de Cólofon e Heráclito de Éfeso, entretanto, com eles outras vias se abriam para o pensamento...

Vocabulário

Ápeiron – Palavra composta pelo prefixo negativo *a-* e pelo substantivo *peras* (limite, fronteira, extremidade, término). Sem fim, imenso, ilimitado, infinito, inumerável, incalculável, interminável, indeterminado. (Chauí, 343)

Arkhé – 1) o que está à frente e por isso é o começo ou o princípio de tudo; 2) o que está à frente e por isso tem o comando de todo o restante. No primeiro significado, *arkhé* é fundamento, origem, princípio, o que está no princípio ou na origem, o que está no começo de modo absoluto; ponto de partida de um caminho; fundamento das ações e ponto final a que elas chegam ou retornam. No segundo significado, *arkhé* comando, poder, autoridade, magistratura; coletivamente significa: o governo; por extensão, reino, império. Com este segundo sentido, *arkhé* compõe as palavras que se referem às três formas do comando político: *monarkhia* (*mónos*: um) ou comando de um só; *oligarkhia* (*olígos*: pouco numeroso, uns poucos) ou o comando de alguns ou de um pequeno número de famílias; *anarkhia*: (*a*: não) ou o não-comando, a falta de comando. Os dois sentidos se fundem na cosmologia (...). É o princípio de todas as coisas e que governa/comanda a realidade. (Chauí, 343-344)

Doxografia – Coleção escrita das opiniões ou doutrinas de um pensador e das opiniões sobre um determinado pensador. (...) é recolhida pelo *doxógrafo* que coleta as doutrinas-opiniões de um autor e o que foi escrito sobre eles por outros (Chauí, 347)

Kosmogonía: Palavra composta por *kósmos* e um segundo elemento *-gonía* (geração, nascimento por procriação). É a narrativa da origem do *kósmos* por meio de relações entre deuses ou entre elementos naturais entendidos como forças vitais que engendram ou procriam todos os seres. (Chauí, 351-352)

Kosmología: Palavra composta por *kósmos* e um segundo elemento *logía*, derivado de *lógos*. Estudo das leis gerais do universo e da sua constituição de conjunto. (Lalande)

Kósmos: Bom ordenamento de coisas e pessoas; boa ordem; arranjo conveniente e adequado; disciplina; organização do cerimonial religioso, organização do Estado; ordem estabelecida; princípio ordenador e regulador das coisas; ordem do mundo e, por extensão, mundo. Inicialmente esta palavra indica a ação dos seres em conformidade com um comportamento estabelecido; a seguir significa a ação humana organizadora que produz uma ordem nas coisas ou nas instituições; por extensão, refere-se à ordem e organização da natureza ou do mundo.

Physis - Possui três sentidos principais: 1) processo de nascimento, surgimento, crescimento (sentido derivado do verbo *phyomai*); 2) disposição espontânea e natureza própria de um ser, características naturais e essenciais de um ser, aquilo que constitui a natureza de um ser; 3) força originária criadora de todos os seres, responsável pelo surgimento, transformação e perecimento deles. A *physis* é o fundo inesgotável de onde vem o *kosmos*, é o fundo *perene* para onde regressam todas as coisas, realidade primeira e última de todas as coisas (Chauí, 357)

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2ªed. Trad. Giovanni Reale; Trad. (port.) Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2005.

BARNES, Jonathan. “Les penseurs préplatoniciens”. In. CANTO-SPERBER, Monique (Dir). *Philosophie grecque*. 2ª ed (rev.). Paris: PUF, 1998.

BORNHEIM, Gerd (org.). *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, s/d.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução á história da filosofia*: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HEGEL, Georg W.F. “Preleções sobre a história da filosofia”. Trad. Ernildo Stein. In. *Os pensadores*. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. Trad. Fátima Sá et ali. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NIETZSCHE, Friederich. “A filosofia na época trágica dos gregos”. Trad. Rubens Torres Filho. In. *Os pensadores*. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

RIVAUD, Albert. *Histoire de la philosophie*. Paris: PUF, 1948.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. 15ª ed. Trad. Ísis Borges Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2005.